



# Felipe Castilho

# Serpentário



# Copyright © 2019 Felipe Castilho

 $\mathbf A$ tradução do poema de William Blake da p. 235 é de Enéias Tavares.

PREPARAÇÃO Ulisses Teixeira

REVISÃO Ilana Goldfeld

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES E LETTERINGS Antonio Rhoden

DIAGRAMAÇÃO Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA Tulio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C348s

Castilho, Felipe, 1985-Serpentário / Felipe Castilho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019. 368 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-510-0530-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

19-57644

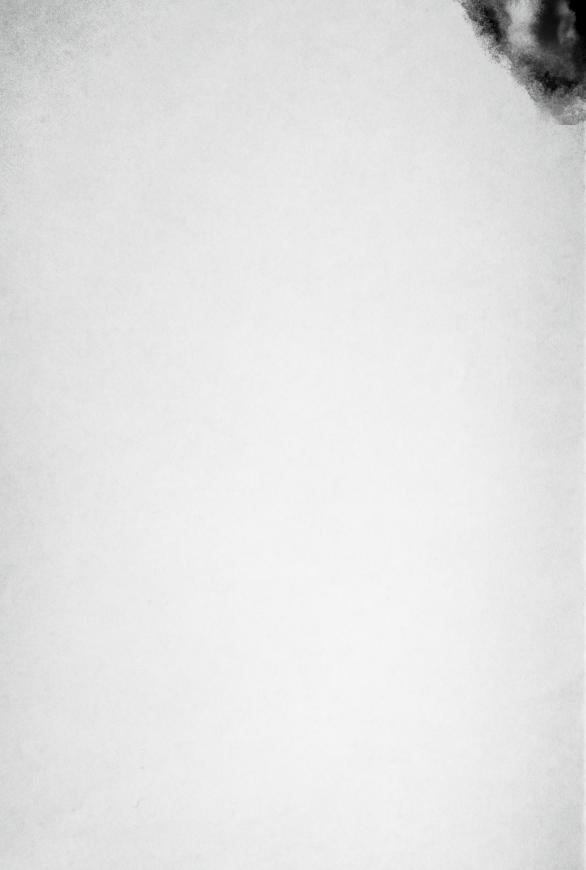
CDD: 869.3 CDU: 82-3(81)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

# [2019]

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda. Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 — Gávea Rio de Janeiro — RJ Tel./Fax: (21) 3206-7400 www.intrinseca.com.br "A verdadeira função dos monarcas é construir fortificações e queimar bibliotecas."

Jorge Luis Borges



[...] admitir que continuava difícil levantar a moral dos seus homens, após tanto tempo sem dormir de maneira decente, deitando-se no beliche ainda quente e úmido com o suor de outro soldado. Se ao menos conseguissem afundar algum navio mercante brasileiro. Ou um dos grandes carregamentos da preciosa borracha para o Exército americano, ou um de combustível... Sem um abate, seria difícil suplantar os feitos da Marinha alemã e chamar a atenção do Führer. Franz Guggenberger era um ídolo no Terceiro Reich, já recebera a Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho direto das mãos de Hitler. Ele sabia que a causa nazista não era uma competição, mas não chegara até ali para ser coadjuvante na História. Deixaria sua marca, e essa ideia o havia impelido através do Atlântico com mais força do que os motores de seu U-Boot poderiam imprimir.

Franz olhou pelo periscópio, mas não conseguia ver nada no meio da tempestade. O técnico de radar, o jovem com a marca de varíola sob o olho esquerdo, se espremia pelos corredores estreitos para chegar até o comandante, desviando das peças de salame e presunto penduradas comicamente acima das válvulas, alavancas e medidores de pressão interna. Imaginava, com raiva, que as pessoas deveriam conhecer a realidade dentro de um submarino. Milhares de jovens alemães haviam se alistado após o sucesso contra o Old Royal, o monstro inglês suplantado por sua frota. Mais de mil submarinos haviam sido construídos às pres-

sas, e o sentimento de patriotismo, avivado com as tenazes da propaganda eficaz de Goebbels, trouxe uma leva de garotos em busca de aventuras, irmandade, honra e — por que não? — glamour. Afinal, aquele era o meio mais rápido de virar herói nacional. Franz já escutara isso da boca de um jovem marinheiro.

Na sua opinião, a verdade crua - assim como as carnes malconservadas que a tripulação comia diariamente com a água potável já escassa - era que submarinos haviam sido pensados focando em um motor que funcione da maneira mais simples e eficaz possível. O fato de que levariam dezenas de homens para as profundezas do oceano era um detalhe, e nenhuma providência fora tomada na sua engenharia para dar o mínimo de conforto aos soldados. O único glamour em tudo aquilo era a possibilidade de ser sepultado no mar dentro de toneladas de aço e ter o nome mencionado em alguma solenidade fúnebre. Com sorte, alguém choraria sua morte e talvez se lembrasse de você ao visitar uma praia, anos mais tarde.

O comandante Guggenberger nem sequer sabia se sua noiva ainda estaria esperando por ele ou se já teria se engraçado com outro rapaz alemão livre da sombra da morte. Afinal, o pedido de casamento havia sido feito às pressas, logo antes de sua missão o levar para longe. "Talvez tudo tenha sido feito no calor do momento." Com muita sorte, quando ele ou a notícia de sua morte chegasse a ter-

ras germânicas, ela estaria lá, chorando por seu retorno ou sua perda.

- Senhor chamou o técnico de radar, interrompendo seus pensamentos -, algo apareceu nos nossos sensores.
- Não esperava embarcações inimigas por aqui - disse Franz, curto e grosso, sem tirar os olhos do visor do periscópio.
- O tamborilar da chuva sobre a pequena parte emersa do submarino era mais violento do que nunca naquele instante.
- Consegue confirmar a leitura da tripulação? Não quero ficar famoso por explodir um barco pesqueiro cheio de miseráveis - falou.
- Não é um barco, senhor informou o jovem, assustado, pouco antes do submarino chacoalhar violentamente.

Foi rápido, brutal, e muitos homens gritaram de dor. Era impossível não bater a cabeça em alguma coisa naquele espaço apertado.

- Fomos atingidos? - perguntou Franz, tentando ficar de pé, agarrando-se às alças do periscópio.

Mesmo que tivessem sido avistados naquele fim de mundo, a esquadra brasileira seria louca de voar naquela tempestade.

- Artilharia antiaérea! ordenou.
- Sem leitura térmica de explosão, senhor - informou o técnico. - Parece que... batemos em algo.

- Estamos próximos demais da superfície para batermos em corais, Wanger. Tínhamos duas ilhas na rota, bem próximas da costa, mas ainda estamos a quilômetros delas.
- Senhor... O técnico de radar começou a falar, parecendo nervoso.

Era um sujeito de natureza paranoica que os entretinha com histórias absurdas nas horas de lazer, sério até nesses momentos, aparentando estar sempre sofrendo com alguma dor. Seu nome talvez fosse Wainer. Ou Werther, o que seria engraçado para um jovem em tanto sofrimento. Ele disse:

- Permissão para... contar algo?
- Se você se cagou, aconselho-o a não sujar o único banheiro que ainda funciona, soldado. O outro acabou virando despensa.
- N-não... é que tenho razões para acreditar que estamos lidando com algo diferente do que esperávamos...
- Se for mais uma daquelas suas conversas sobre ocultismo, juro por Deus que vou deixar você nessa merda de país, soldado. Estamos no meio de um ataque!
  - Carcosa, senhor.

O comandante afastou a cabeça do periscópio. O rosto era uma máscara rubra, os lábios comprimidos em irritação evidente. Como ele ousava mencionar aquilo?

- 0 que você disse?

- As leituras revelaram uma ilha que não estava aqui segundos antes, e...
  - Por que falou essa palavra, soldado?
- ... e precisamos de confirmação visual para ver se as torres estão lá. Mas pode ser que tenham ruído...
  - Soldado! Eu lhe fiz uma pergunta!

O técnico de radar se calou, como se não tivesse sido questionado por seu superior. Um esboço de sorriso desaforado surgiu em seus lábios, e Franz sentiu vontade de lançar o homem pela saída de torpedos.

- Wainer, eu juro que vou...

Um novo choque, mais forte que o anterior, e a tripulação tombou como pinos de boliche. Dessa vez, a instabilidade não se limitou ao momento do impacto e continuou por cerca de dez segundos, enquanto o barulho de metal retorcido massacrava os tímpanos dos marinheiros e uma das tubulações de gás de cloro vazava. No meio do vaporoso caos de braços, pernas e pedaços de carne pendurada, Franz enxergou um homem que, definitivamente, não usava o uniforme da Marinha nazista. Não se lembrava dele, e jamais teria permitido que um imbecil viesse a bordo trajado daquela maneira. Através da cortina de gás de cloro, de dentro do terno tão branco quanto sua pele, o sujeito sorria sem desviar o olhar dos olhos escuros de Franz, que, pela primeira vez na vida, duvidou da sua sanida [...]



"A vida é um carro em alta velocidade, e somos apenas passageiros no veículo do Senhor Jesus Cristo enquanto observamos a paisagem pela janela mudando constantemente." Era uma frase enorme, mas que agora era exibida no vidro do SUV branco de seu pai, em um adesivo com uma tipografia que traria lágrimas aos olhos de qualquer designer.

Para Caroline, se Cristo dirigia seu carro, era porque a situação andava tão complicada que até o Cordeiro de Deus precisava ganhar um extra como Uber enquanto não chegava o momento de sua Segunda Vinda. Afinal, depois de expiar os pecados da humanidade, você fica meio sem ter o que fazer mesmo. Então, para ela, Cristo poderia muito bem dirigir o carro de uma mulher fracassada, desempregada e rejeitada pela família — a mesma família que havia colocado o automóvel nas mãos de Jesus.

O pai de Caroline era médico aposentado e dono de uma concessionária. Cirurgião, dizia que Deus guiava suas mãos durante as operações mais complicadas — e ela acreditava nisso, porque em geral o pai estragava tudo que tocava. Deus não deixaria a vida de uma pessoa boa nas mãos de outra tão irresponsável em relação ao coração dos outros e com um sem-número de amantes durante as quatro décadas de casamento com a esposa — diga-se de passagem, a mãe dela sempre o aceitava de volta, pelo bem da família tradicional brasileira. Afinal, nada mais tradicional que uma família composta por um homem, uma mulher, as amantes do homem e os filhos. Muitos filhos. Dois com a mulher do "até que a morte os separe" e uma média de 1,33 filho com as "namoradas", como ele gostava de se gabar com os amigos.

#### FELIPE CASTILHO

Agora, a mãe estava morta. Era quinze anos mais jovem que o pai, mas parecia bem mais velha. A juventude dela havia sido roubada pelo homem que vivera tantas outras vidas e romances enquanto ela cumpria o papel de boa esposa. O ano de 2018 começara com o funeral da mãe, logo no segundo dia de janeiro, e aquilo fora um prenúncio de tudo que estava por vir, de tudo que acabaria nos doze meses seguintes. O pai usara óculos escuros durante o sepultamento no cemitério Gethsêmani, mas Caroline sentia que eram mais para disfarçar a indiferença do que para ocultar a tristeza e o inchaço do pranto. Só se lembrava de ter visto o pai chorar duas vezes na vida: quando Senna bateu na Tamburello e quando ela abandonou a faculdade de medicina veterinária.

Sua mãe também havia chorado diante da desistência do curso. Lágrimas silenciosas e contidas, assim como a mulher que as derramava. Saíam em filetes escassos, um fluxo hesitante de uma nascente sempre prestes a minguar. Ela também havia sido veterinária, e das melhores, e sua fonte começara a secar no dia em que fora convencida a abandonar a carreira para se dedicar aos filhos. Mesmo com todas as condições da família para pagar babás e as melhores escolas.

A tristeza da mãe vinha muito disso: a filha estava desistindo de um sonho parecido, mas dessa vez por conta própria e muito antes de a carreira começar. Havia tirado as melhores notas do vestibular após todo o estudo intensivo durante o segundo e o terceiro anos do ensino médio, e para quê? Para abandonar a USP, uma das melhores universidades do país, por "transtornos do humor", conforme o diagnóstico?

# SERPENTÁRIO

("E desde quando humor é diagnóstico para alguma coisa? Essa corja de psicólogos nem devia ser considerada parte da saúde", CAROLINE, Pai da).

Não adiantaria explicar nada para ele. Mesmo dezoito anos depois, não conseguia nem imaginar por onde começar a dizer o que acontecia quando ela olhava para o Bastão de Esculápio, o símbolo da medicina, envolvido por sua serpente. Os diplomas e as especializações emoldurados e expostos nas paredes da imensa casa da família no Morumbi, bairro nobre de São Paulo, eram eternos lembretes daquilo que ela tanto se empenhara para esquecer.

A morte de Paulo era como a Ilha das Cobras. Voltava à superfície de sua mente quando bem entendia, sem aviso. Por isso mesmo seria tão importante aquela visita ao lugar onde tudo começou a dar errado. Ela precisava esclarecer algumas questões.

Caroline massageou o rosto, tentando afastar a visão do corpo franzino ensanguentado e cheio de areia. Do pé descalço, do tornozelo perfurado. Do tornozelo *dela* perfurado...

Pegou o celular do bolso e olhou para a tela, que se acendeu sozinha: 23h58. Estava no ônibus. Caroline voltou a atenção para toda aquela escuridão fora da janela, que não era por causa do insulfilm. O motorista também não era Jesus; na verdade, se chamava Antônio. Ela sabia disso porque observara o crachá do homem quando pediu que ele parasse na altura do Km-172 da BR 101.

— Primeira vez? — perguntou Antônio, sorridente, enquanto conferia se o documento dela batia com o nome na passagem.

#### FELIPE CASTILHO

Ela era a última passageira de uma longa fila de embarque. Era dia 27 de dezembro e as pessoas já estavam viajando para o litoral fazia alguns dias.

- Sempre fui de carro, então não sei bem onde descer. Não vou lá desde que tinha dezoito anos.
- Então faz pouco tempo, moça respondeu ele, emendando uma risada e devolvendo-lhe o canhoto com o documento.

Caroline achava que ele estava apenas sendo bondoso, ao contrário do que vira em seus quase 35 anos de existência.

— Pode deixar que aviso, sim — completou ele.

Ela agradeceu e subiu os degraus, sentando-se logo no primeiro assento, atrás do motorista, ao lado de uma senhorinha que não respondeu ao seu "boa noite" — talvez porque já estivesse dormindo profundamente muito antes de os motores serem acionados.

O ônibus da companhia Litorânea partiu às 22 horas. Caroline despertou sozinha às 23h58 e ficou aguardando o relógio zerar por pura neurose. Durante os dois minutos mais improdutivos de sua vida, teve consciência de que, em meio a demissões, descobertas e crises de ansiedade, não havia sequer feito um brinde a seu aniversário — que fora há uns dez dias. Ninguém havia cantado "Parabéns a você" ou sequer pago uma dose de cachaça em algum bar de esquina na rua Augusta (era uma tradição no lugar em que trabalhava). Era. Resolveu fazer de conta que era véspera de seu aniversário. Faltariam só dois minutos para o grande dia. Tirando Antônio, que estava ocupado com o volante e havia visto sua identidade, ninguém ali poderia contestá-la. Sendo assim, cantarolou baixinho:

— Parabéns para mim, nesta data fo-di-da, eu perdi meu emprego e o controle da vida.

### SERPENTÁRIO

— O que foi, filha? — perguntou a senhorinha ao lado, ressuscitando ao som da melodia. — É seu aniversário? Parabéns, viu? Deus te abençoe.

Caroline agradeceu pelos votos — e também agradeceu aos céus por ela não ter escutado sua versão do clássico. Mas não conseguiu deixar de pensar no emprego e no que estava fazendo da vida. Aquela idade, para ela, era muito simbólica. Sua mãe tinha 35 anos quando deu à luz sua primogênita (se é que as mulheres de sua família poderiam levar um título grandioso como esse) e nunca mais voltara a exercer a profissão. Caroline, que morava num apartamento próximo à estação do metrô Patriarca, não tinha filhos, nunca mantinha um relacionamento por mais de três meses, se alimentava mal e acabara de pedir demissão do emprego para poder viajar no fim de ano e perseguir uma obsessão com a desculpa de curar um trauma.

# **DOIS DIAS ANTES**

— Vocês estão me devendo um mês de salário, Márcio — disse Caroline, tentando fazer o aviso soar mais como um lembrete do que uma acusação, enquanto o chefe colocava o polegar direito no leitor digital e revirava os olhos.

Era a segunda vez que ela fazia aquele pedido: cinco dias de folga em pleno final de ano, quando tudo já estava uma correria na livraria, que recentemente entrara em recuperação judicial.

- A loja está cheia de temporários de final de ano. Me deixa ir, pô! insistiu ela.
- Carol, assim você me fode. Já pensou se todo mundo decide me pedir folga nesses dias? A livraria não está devendo *um*

#### FELIPE CASTILHO

 $\emph{mês}$  de salário  $\emph{só}$  para você. Ficar dia 31 e dia 1º em casa não tá bom, não?

"Eu não estou pedindo folga pra ficar coçando a boceta, seu arrombado."

A vontade era de responder exatamente aquilo. Ela não queria "descansar", por mais que fosse direito seu. Queria alguns dias para resolver a questão com Paulo, ficar frente a frente com ele. Mari havia confirmado que estaria pelo litoral, na casa da família dela, e Hélio parecera inclinado a ir também, por mais que tivesse sido grosseiro ao telefone — algumas coisas não mudavam. Não podia dizer para o chefe que estava indo para o litoral norte ver os amigos que não encontrava ou conversava havia dezoito anos, amigos que cultivavam uma culpa compartilhada pela morte de um deles. "Isso lá é desculpa?", perguntaria seu pai. "Que amiga você é, hein?", ironizaria Márcio.

Ela respirou fundo, se acalmando, então disse:

— Eu não estou pedindo folga pra ficar coçando a boceta, seu arrombado.

Infelizmente, Caroline andava tendo esse problema. Pensava em uma coisa e dizia outra. De acordo com sua terapeuta, tinha a ver com impulsividade, ansiedade e vontades sempre reprimidas. De acordo com o Google, era sinal de esclerose múltipla. A verdade era que ela *queria* falar aquilo, mas de uma maneira educada. Sua cabeça lhe pregou mais uma peça. Tapando a própria boca de maneira um tanto atrasada e ineficaz, foi demitida na hora por um Márcio ofendidíssimo e de olhos arregalados. Aquela expressão de homem inconformado em ser confrontado por uma mulher havia sido a única coisa, além de sua "agenda liberada", que valera a pena naquele incidente.

# SERPENTÁRIO

Antônio avisou que estavam chegando perto da Barra do Sahy. Caroline pegou a mochila no bagageiro e pediu licença para a senhorinha a seu lado ("Fica com Deus, filha. E parabéns de novo"), parando na escada ao lado do motorista e observando a estrada surgir à luz dos faróis do ônibus.

- Alguém vem te buscar? perguntou o motorista. Aqui é bem escuro.
  - Já estive em lugares piores disse com um sorriso hesitante.

Ela sabia que nada seria como a escuridão que havia experimentado dezoito anos antes. O tipo de vazio que pulsa e sibila por trás do véu e que só nos permite enxergar através dele se abrirmos mão de uma parte do que nos torna humanos.

Após desembarcar, ela assistiu às lanternas traseiras do ônibus diminuindo na estrada até sumirem.

— Uma estrada mal-iluminada é só descaso de gestão pública — disse baixinho para si mesma, conferindo se os cadarços das botas de cano alto estavam bem-amarrados.

Seu tornozelo formigou, como o prenúncio de uma coceira mais persistente.

Caroline deixou a estrada e seguiu até a placa que apontava a direção da Barra do Sahy, seguindo para dentro e para baixo, mais uma vez cantando a própria versão de "Parabéns a você".